

ETNOBOTÂNICA DE ALGUMAS ESPÉCIES ARBÓREAS E ARBUSTIVAS DO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO

Ana Maria Carvalho*, Mariana Fernandes*, Manuel Pardo de Santayana ** e Ramón Morales**

*Escola Superior Agrária de Bragança, Dpto de Biologia, Qta de Sta Apolónia, 5300-855 Bragança, Portugal, anacarvipb.pt

** Real Jardín Botánico de Madrid. Plaza de Murillo, 2. 20814 Madrid, Espanha.

RESUMO

O Parque Natural de Montesinho é uma área protegida localizada no nordeste de Portugal. Durante cerca de quatro anos (2000 a 2004) foi realizado um exaustivo trabalho de inquirição com o objectivo de compilar, descrever e analisar os saberes etnobotânicos da população em estudo. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a uma centena de pessoas, maioritariamente mulheres, de trinta aldeias pertencentes a dois concelhos do Distrito de Bragança (Bragança e Vinhais).

Os dados foram organizados num catálogo etnobotânico que apresenta 364 espécies de plantas vasculares, muitas das quais são espécies florestais ou arbustivas. Registaram-se elevados índices de consenso (0,93), apesar da maioria dos usos descritos já não se verificarem na actualidade e fazerem só parte da memória dos inquiridos.

Juglans regia e *Castanea sativa* são das espécies com maior importância relativa, enquanto *Pterospartum tridentatum*, *Cytisus multiflorus* e *Erica australis* encontram-se entre as que obtiveram maior frequência relativa de citação.

Os resultados obtidos discutem-se em função das categorias de uso definidas e dos índices de utilização.

PALAVRAS-CHAVE: etnobotânica, PNM, usos tradicionais de árvores e arbustos.

INTRODUÇÃO

O Parque Natural de Montesinho (PNM) corresponde a um território do nordeste de Portugal integrado na Rede Nacional de Áreas Protegidas, com características biogeográficas e ecológicas particulares e peculiaridades etnográficas e culturais potencialmente interessantes, porque se incluem nesta área várias comunidades rurais, a maior parte habitadas desde tempos remotos, que ao longo de gerações interagiram com o meio envolvente, modelando a paisagem natural. O isolamento em relação ao litoral português e aos centros urbanos mais próximos, a que estiveram sujeitas a maioria destas populações, originou uma elevada dependência do universo vegetal e desenvolveu uma sabedoria empírica transmitida entre gerações.

O projecto de investigação que conduziu à obtenção dos resultados que agora se apresentam decorreu durante quatro anos (2000 a 2004) nos termos pertencentes a trinta aldeias dos concelhos de Bragança e Vinhais, que correspondem a 60% dos incluídos no território do PNM. Trata-se de um estudo no âmbito da etnobotânica, entendida como uma ciência interdisciplinar, preocupada com a relação dinâmica entre as sociedades humanas e o universo vegetal (Schultes & von Reis, 1995; Alexiades, 1996; Svanberg & Tunón, 2000). A sua metodologia específica e as técnicas empregadas possibilitam o registo e o inventário do conhecimento tradicional, destacando tanto os aspectos ine-

rentes às plantas e tecnologias agrárias, como os relativos aos indivíduos, às comunidades ou ao meio ambiente. Além disso, permitem compreender e explicar as estratégias pelas quais as populações favorecem certas espécies vegetais em detrimento de outras.

O objectivo central é o saber e as práticas associadas ao uso tradicional das plantas. Mais especificamente, pretende-se recolher, descrever e analisar conhecimentos, usos e percepções e estabelecer a relevância do universo vegetal na cultura popular das comunidades rurais do PNM.

Os dados obtidos foram organizados num catálogo etnobotânico que apresenta 364 *taxa* de plantas vasculares, das quais 55% são silvestres, 20 fungos e líquenes. A estas plantas e fungos correspondem 848 usos organizados em dez categorias principais e 626 nomes vulgares.

Os usos tradicionais das espécies arbóreas e arbustivas com interesse florestal são um dos aspectos relevantes do estudo desenvolvido. Para além de desempenharem um papel importante nos sistemas de uso da terra, algumas espécies como, por exemplo, o castanheiro, o freixo, o carvalho e o ulmeiro eram fundamentais no dia a dia das populações, devido às suas potencialidades como plantas medicinais, industriais, artesanais, veterinárias, entre outras.

METODOLOGIA

A recolha de informação etnobotânica baseou-se na combinação de vários métodos, seleccionados e aplicados de acordo com as circunstâncias. Foram utilizadas técnicas de inquirição e observação próprias das ciências sociais e metodologias de inventariação e herborização de espécies vegetais.

Em síntese, a recolha de informação etnobotânica baseou-se na seguinte metodologia proposta por vários autores (Alexiades, 1996; Blanco, 1996; Tuxil & Nabhan, 2001):

- a) dois tipos de entrevistas, abertas ou não estruturadas e semi-estruturadas
- b) observação participante
- c) discussão de grupo
- d) confrontação com plantas prensadas ou com listas de plantas frequentes
- e) inventário de espécies
- f) recolha de material de herbário.

Foram entrevistados cerca de 100 habitantes das aldeias (informantes), a maioria mais do que uma vez, nas suas casas, durante passeios para recolher plantas ou enquanto realizavam diversas tarefas do seu dia a dia. A idade média dos informantes é de 68 anos, 85% do sexo feminino, 75% com a escolaridade obrigatória, fundamentalmente agricultores e reformados.

Todos os dados obtidos foram registados em fichas de campo, posteriormente informatizadas. Foi também organizada uma base de dados com o Programa FileMaker Pro6 de 2000, que facilita a consulta rápida por família, espécie, palavra-chave e permite a realização de pequenos cálculos e a aplicação de funções estatísticas.

A informação relativa aos diversos modos de utilizar as plantas foi agrupada de forma artificial em categorias e subcategorias (**Quadro 1**) para sistematizar, ordenar e associar espécies e usos, de

acordo com o recomendado na bibliografia (Blanco & Morales, 1994; Cook, 1995; Grupo de Etnobotânica Ibérica, 1997). Esta metodologia possibilita a normalização e a formação de grupos de plantas com finalidades similares e assim, a comparação de determinados contextos ou de zonas distintas. Os espécimes recolhidos foram preparados, etiquetados e identificados com o auxílio de bibliografia especializada (Aguiar, 2001; Castroviejo *et al.*, 1986 – 2003; Franco, 1971 e 1984; Franco & Rocha Afonso, 1994, 1998 e 2003; Kays & Dias, 1996; López González, 2001; Sánchez, 2000 e 2003; Walters *et al.*, 1986 – 1997), encontrando-se depositados no Herbário da Escola Superior Agrária de Bragança.

Para além da análise qualitativa dos dados obtidos, foram determinados os seguintes índices:

- a) **Índice de etnobotanicidade – It** – que corresponde à percentagem das espécies úteis em relação à flora total de uma área dada (Portères, 1970);
- b) **Índice de importância relativa – IR** – calculado a partir da frequência de citação relativa de cada espécie, do número relativo de usos principais ou categorias e do número relativo de aplicações ou subcategorias. Os valores relativos correspondem às variáveis normalizadas, ou seja cada uma dividida pelo valor máximo alcançado (Bennett & Prance, 2000).
- c) **Factor consenso – F_{IC}** – a razão entre o número de citações menos o número de espécies utilizadas e o número de citações menos um, que revela o grau de coincidência da informação e indica a dependência dos informantes relativamente às plantas que citam (Trotter & Logan, 1986).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A importância da flora do PNM foi avaliada pelo índice de etnobotânica (**It**), cujo valor calculado é de 24,7% e semelhante ao obtido por outros autores em estudos realizados na Península Ibérica (Martínez *et al.*, 1996; Bonet *et al.*, 1999; Camejo-Rodrigues, 2003; Pardo de Santayana, 2003). O valor de **It** alcançado e o espectro de usos definido por um elevado número de registos e aplicações, com especial peso (61%) para os usos referentes às categorias medicinal, alimentar e industrial, são indicativos de grande riqueza etnobotânica em termos qualitativos, de eventual isolamento das comunidades e de elevada inter relação do homem com o meio envolvente. A coincidência entre informantes foi bastante elevada, visto que o índice de consenso (**F_{IC}**) obtido é de 0,93, tendo sido consideradas para efeitos da análise quantitativa apenas as informações proporcionadas por mais de três pessoas, tal como recomendado por alguns autores (Johns *et al.*, 1990).

As espécies arbóreas e arbustivas com interesse florestal identificadas são 62 que correspondem a 17% do total de espécies inventariadas. No **Quadro 2** encontram-se descritas as várias plantas utilizadas, as respectivas famílias botânicas a que pertencem, o número de usos tradicionais diferentes e o número de informantes que os citaram (frequência de citação – FC). As **Figuras 1 e 2** mostram as espécies ordenadas pelo seu índice de importância relativa. Na **Figura 3** pode observar-se a importância das principais famílias botânicas atendendo ao número de espécies que incluem. Os usos mais citados por famílias encontram-se representados na **Figura 4**.

Os resultados revelam que as famílias botânicas mais numerosas e mais citadas, isto é, aquelas a que correspondem maior número de espécies de árvores e arbustos e maior número de usos são as Leguminosas, Rosáceas e Ericáceas. Contudo, Juglandáceas e Fagáceas também se destacam pela sua versatilidade dado o elevado número de aplicações da noqueira (*Juglans regia*), do carvalho

negral (*Quercus pyrenaica*) e do castanheiro (*Castanea sativa*), respectivamente 23 e 25 usos diferentes, distribuídos por todas as categorias definidas. No que se refere às plantas arbustivas, a carqueja (*Pterospartum tridentatum*) e a giesta branca (*Cytisus multiflorus*) são as mais referidas e preferidas pelas suas múltiplas utilizações (respectivamente 20 e 15 distintas).

Importa salientar que para além do aproveitamento florestal habitual (povoamentos, reflorestação, lenhas, abrigo da vida silvestre, cinegética) estas espécies fornecem material vegetal empregue na alimentação humana e animal, na medicina e veterinária tradicionais, na construção de casas e mobiliário, na elaboração de utensílios domésticos, agrícolas, brinquedos e cestos. São utilizadas ainda como cosméticos e produtos de limpeza, para tingir, lavar e branquear roupa, nas camas do gado e na correcção de solos. Têm ainda um papel relevante na categoria designada por folclore que considera a cultura não material e que está relacionada com as cerimónias e rituais de carácter religioso ou festivo, com as crendices e superstições, as actividades recreativas e os costumes ancestrais ou tradições locais.

Uma grande percentagem de entrevistados, considerou fundamental o papel destas espécies no manejo agrosilvopastoril, categoria de uso que engloba tanto as plantas usadas no ordenamento e compartimentação das propriedades (divisórias, protecção de margens de rios e taludes, cortaventos), como as que são directa ou indirectamente pastoreadas pelo gado ovino e caprino, as espécies melíferas e as empregues nas camas do gado e na preparação de estrumes.

As urzes (com excepção da urze branca), giestas e carquejas são dos matos mais apreciados para acender fornos e lareiras. Em tempos não muito distantes, estas espécies eram também o combustível que alimentava o lume das forjas e que “rojava” os fornos comunitários. Além disso, das raízes de *Erica australis*, os torgos ou cepos, de grande poder calorífico, se fazia o carvão, que era vendido na cidade, e as suas inflorescências secas, as candeeiras, serviam para iluminar. Por isso, havia uma certa preocupação com a gestão destes matos, porque também são pastoreados.

Hoje em dia, muitos dos usos recolhidos já não se praticam e apenas permanecem na memória dos inquiridos. Apesar de tudo, os que perduraram dizem respeito à medicina tradicional, que é tida como um complemento da medicina convencional. Globalmente, muitos dos hábitos relacionados com as actividades agrícolas e com as aplicações alimentares, veterinárias e industriais, mas também com o manejo agrosilvopastoril e a alimentação animal caíram em desuso. Não obstante, nem sempre o abandono dos usos tradicionais de plantas se deve à erosão do conhecimento. Com efeito, a imposição de normas produtivas previstas pela política agrícola europeia, o êxodo rural e o envelhecimento da população são em grande medida as causas principais. Verifica-se uma forte relação entre determinadas actividades agro-pecuárias e o uso tradicional das plantas, como por exemplo a pecuária e a cerealicultura.

Quadro 1 – Categorias antropocêntricas ou de uso.

Categoria	Subcategoria
Alimentação humana	Fruta. Frutos secos. Hortaliças. Saladas. Compotas, conservas, doces, pastelaria. Condimentos e cura. Pratos cozinhados. Fumeiro. Licores, refrescos e tisanas. Suplementos alimentares, mata-bicho, gulo-seimas
Alimentação animal	Bovinos, ovinos, caprinos. Suínos. Aves e coelhos. Melíferas
Medicinal	Aparelho digestivo. Vomitivos. Vermicidas. Vermífugas. Aparelhos excretor, locomotor, respiratório, reprodutor feminino e parto. Dermatologia. Odontologia. Coração. Doenças metabólicas (diabetes, colestero, ácido úrico). Sistema nervoso e cefaleias. Sistema circulatório. Desinfectantes. Cicatrizantes. Anti-piréticos. Complementos vitamínicos. Panacea
Veterinária	Plantas com propriedades curativas e preventivas usadas para o gado ou animais domésticos
Tóxico	Repelentes de parasitas, insectos e vertebrados. Plantas venenosas
Industrial e artesanal	Fabrico de vinho, cerveja, aguardente. Fabrico de pão e farinhas Tingir, branquear, barrela da roupa Têxteis. Vestuário. Calçado Utensílios domésticos Utensílios agrícolas. Transporte Cestas. Objectos de palha. Vassouras Mobiliário. Construção Industria madeireira Combustíveis. Carvão. Iluminação Enchimentos Envoltórios, ataduras Tear e utensílios do linho Cosmética, ambientadores, produtos limpeza
Ornamental	Jardinagem Adorno de exteriores. Adorno de interiores. Arranjos florais
Folclore	Superstição e magia. Rituais e celebrações religiosas. Festas. Jogos. Plantas simbólicas. Tradição
Manejo agro-silvo-pastoril	Protecção de rios. Divisórias e corta-ventos. Pastoreio. Fertilizantes. Rotações. Infestantes. Bosques e repovoamentos. Prados. Camas para o gado. Queimadas. Gestão de recursos florestais
Outros usos	Caça e pesca.

Quadro 2 – Lista de espécies arbóreas e arbustivas do PNM, com interesse etnobotânico

FAMÍLIA / Espécie	Nome vulgar	FC	Usos principais	Nº usos
ACERACEAE <i>Acer pseudoplatanus</i>		6	Ornamental	1
AQUIFOLIACEAE <i>Ilex aquilifolium</i>	Azevinho	19	Folclore; Ornamental	2
BETULACEAE <i>Alnus glutinosa</i>	Amieiro	23	Agrosilvopastoril; Industrial e artesanal	10
<i>Corylus avellana</i>	Aveleira, avelaneira	3	Agrosilvopastoril; AlimHumana Industrial e artesanal	6
CAPRIFOLIACEAE <i>Sambucus nigra</i>	Candeleiro, caneleiro, sabu- gueiro	49	Agrosilvopastoril; AlimHumana; Folclore; Industrial e artesanal Medicinal; Tóxico	12
<i>Viburnum opulus.</i>	Escornacabra, nobeleiro, nove- leiro	4	AlimAnimal; Folclore; Ornamen- tal; Veterinária	4
CUPRESSACEAE <i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	Cedro, pinho	5	Agrosilvopastoral; Ornamental	3
<i>Cupressus lusitanica</i>	Cedro, pinho	5	Agrosilvopastoral; Industrial e artesanal; Ornamental	3
<i>Cupressus sempervirens</i>	Acipreste, cipreste, cedro	24	Agrosilvopastoral; Industrial e artesanal; Ornamental	5
ERICACEAE <i>Arbutus unedo</i>	Ervideiro, medronheiro	20	AlimHumana; AlimAnimal; Folclore; Industrial e artesanal Ornamental	6
<i>Calluna vulgaris</i>	Caluna, urze	7	Agrosilvopastoril; AlimAnimal Industrial e artesanal	3
<i>Erica arborea</i>	Urze alva, urze branca, reague- da, riágueda	21	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; Industrial e artesanal; Veterinária	11
<i>Erica australis</i> subsp <i>aragonensis</i>	Urze alvarinha, urze rosa, urze negral, torga	31	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; Industrial e artesanal; Ornamental	12
<i>Erica cinerea</i>	Queiró, urze	4	Agrosilvopastoril; AlimAnimal Industrial e artesanal	3
<i>Erica tetralix</i>	Urze	4	Agrosilvopastoril; AlimAnimal Industrial e artesanal	3
<i>Erica umbellata</i>	Queiroga, queiruga, urze	11	Agrosilvopastoril; AlimAnimal Industria; Ornamental	5
FAGACEAE <i>Castanea sativa</i>	Castanheiro, castanho	43	Agrosilvopastoril; AlimHumana AlimAnimal; Folclore; Industrial e artesanal; Medicinal	25
<i>Quercus ilex</i> subsp. <i>ballota</i>	Azinheira, azinho, carrasco, sardão	19	Agrosilvopastoril; AlimAnimal Industrial e artesanal; Medicinal	9
<i>Quercus pyrenaica</i>	Carvalho, carvalho negral	37	Agrosilvopastoril; AlimAnimal Folclore; Industrial e artesanal Medicinal	23
<i>Quercus rubra</i>	Carvalho americano	7	Agrosilvopastoril; Industrial e artesanal; Ornamental	3
JUGLANDACEAE <i>Juglans regia</i>	Nogueira	55	Agrosilvopastoril; AlimHumana Folclore; Industrial e artesanal; Medicinal; Pesca; Tóxico; Vete- rinária	23

FAMÍLIA / Espécie	Nome vulgar	FC	Usos principais	Nº usos
LAURACEAE <i>Laurus nobilis</i>	Louro, loureiro	45	AlimHumana; Folclore Ornamental; Medicinal; Tóxica	13
LEGUMINOSAE <i>Acacia dealbata</i>	Mimosa	9	Agrosilvopastoril; Folclore; Ornamental	4
<i>Cytisus grandiflorus</i>	Gesta introduzida, gesta de jardim	2	Agrosilvopastoril; Industrial e artesanal; Ornamental	4
<i>Cytisus multiflorus</i>	Gesta branca	49	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; Folclore; Industrial e artesanal; Medicinal	15
<i>Cytisus scoparius</i> subsp. <i>scoparius</i>	Gesta negra, gesta amarela, gesta das vassouras	16	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; Folclore; Industrial e artesanal; Veterinária	10
<i>Cytisus striatus</i>	Gesta amarela, gesta negra	6	Agrosilvopastoril; Industrial e artesanal	4
<i>Dorycnium pentaphyllum</i> subsp. <i>pentaphyllum</i>	Pulgana, mata pulga	5	Industrial e artesanal	1
<i>Genista falcata</i>	Tojo, tojo miúdo	5	AlimAnima; Industrial e artesanal	4
<i>Genista florida</i> subsp. <i>polygalaephylla</i>	Piorno	23	Agrosilvopastoril Industrial e artesanal	8
<i>Pterospartum tridentatum</i> subsp. <i>tridentatum</i>	Carqueja, carqueija	56	Agrosilvopastoril; AlimHumana AlimAnimal; Industrial e artesanal Medicinal	20
<i>Robinia pseudoacacia</i>	Mimosa branca	6	Ornamental; Medicinal	2
<i>Ulex europaeus</i>	Tojo	5	Agrosilvopastoril; AlimAnimal Industrial e artesanal	6
MORACEAE <i>Ficus carica</i>	Figueira	36	AlimHumana; Folclore; Industrial e artesanal; Medicinal; Tóxico	12
<i>Morus alba</i>	Mora branca, moreira branca	6	AlimHumana; AlimAnimal; Medicinal	5
<i>Morus nigra</i>	Mora negra, moreira negra	11	AlimHumana; AlimAnimal; Industrial e artesanal; Ornamental; Medicinal	6
MYRTACEAE <i>Eucalyptus globulus</i>	Eucalipto	10	Folclore; Industrial e artesanal; Medicinal	3
OLEACEAE <i>Fraxinus angustifolia</i>	Freixo	43	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; Industrial e artesanal; Medicinal	18
<i>Olea europaea</i> var. <i>europaea</i>	Oliveira	49	Agrosilvopastoril; AlimHumana; Folclore; Industrial e artesanal; Medicinal; Veterinária	18
<i>Phillyrea angustifolia</i>	Lentisco, lentiscos	6	Folclore; Industrial e artesanal	2
PINACEAE <i>Abies pinsapo</i>	Pinho	3	Ornamental	1
<i>Pinus pinaster</i>	Pinho, pinheiro, pinheiro bravo	22	Agrosilvopastoril; Folclore Industrial e artesanal; Ornamental Medicinal	13
<i>Pinus sylvestris</i>	Pinho, pinheiro, pinheiro silvestre	8	Agrosilvopastoril; Folclore Industrial e artesanal; Ornamental	5
<i>Pseudotsuga menziesii</i>	Pinho, pseudotsuga	7	Agrosilvopastoril; Folclore; Industrial e artesanal; Ornamental	4

FAMÍLIA / Espécie	Nome vulgar	FC	Usos principais	Nº usos
PLATANACEAE <i>Platanus hispanica</i>	Plátano	6	Ornamental	1
RHAMNACEAE <i>Frangula alnus</i>	Sangubinho	5	Folclore; Veterinária	2
ROSACEAE <i>Crataegus monogyna</i>	Escarambunheiro, escaramunheiro, espinheiro	10	AlimHumana; Folclore; Medicina Veterinária	6
<i>Cydonia oblonga</i>	Marmeleiro	40	Agrosilvopastoril; AlimHumana; Folclore; Medicinal	12
<i>Prunus avium</i>	Cerdeiro, cerejeira, cerejo	40	Agrosilvopastoril; AlimHumana; Folclore; Industrial e artesanal; Medicinal	14
<i>Prunus laurocerasus</i>	Cerdeira da Índia	2	Folclore; Ornamental	2
<i>Prunus spinosa</i>	Abrunhos, ameixeira brava	6	AlimHumana; Medicinal; Veterinária	3
<i>Pyracantha coccinea</i>	Piricanta	4	Ornamental	1
<i>Rosa canina</i>	Roseira brava, gravanceira, rosa do monte, gravança	15	AlimHumana; Ornamental; Medicinal; Veterinária	6
<i>Rosa corymbifera</i>	Silva gravanceira, gravanceira, rosa brava	30	AlimHumana; Ornamental; Medicinal; Veterinária	9
<i>Rubus ulmifolius</i>	Amora, mora, moras, silva	33	Agrosilvopastoril; AlimHumana; Folclore; Industrial; Medicinal	12
SALICACEAE <i>Populus nigra</i>	Choupo negro	7	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; Industrial e artesanal	10
<i>Populus x canadensis.</i>	Choupo híbrido	8	Agrosilvopastoril; Industrial e artesanal	3
<i>Salix atrocinera</i>	Salgueira, salgueiro, vergas	20	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; Industrial e artesanal; Ornamental	8
<i>Salix neotricha</i>	Vime, vimes, vimeiro	25	Agrosilvopastoril; Industrial e artesanal	6
<i>Salix salviifolia</i>	Salgueira, salgueiro, vergas	12	Agrosilvopastoril; Industrial e artesanal	6
TILIACEAE <i>Tilia plathyphyllus</i>	Tila, tília, tília branca	28	AlimHumana; Ornamental; Medicinal	5
ULMACEAE <i>Ulmus minor</i>	Negrilho, olmo, ulmeiro	31	Agrosilvopastoril; AlimAnimal; AlimHumana; Industrial e artesanal	16

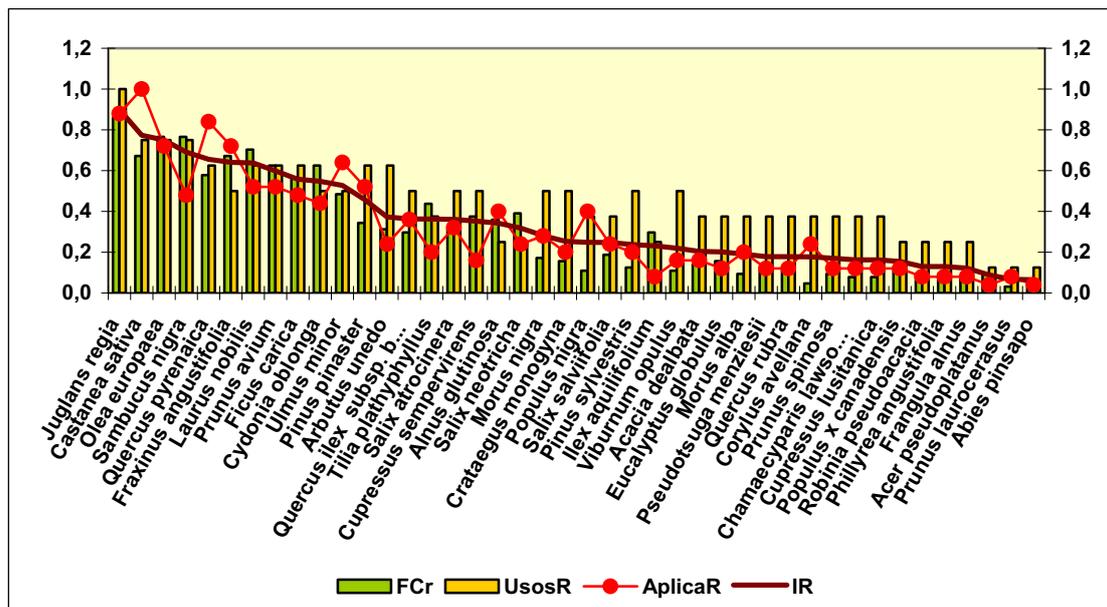


Figura 1 – Espécies arbóreas com interesse florestal do PNM, ordenadas por ordem decrescente da sua importância relativa.

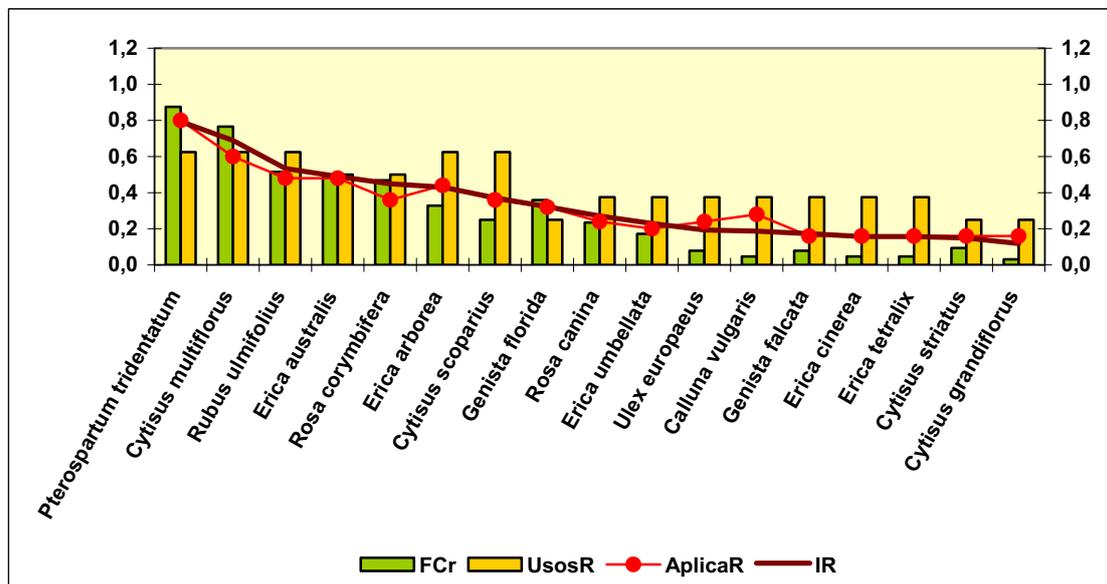


Figura 2 – Espécies arbustivas com interesse florestal do PNM, ordenadas por ordem decrescente da sua importância relativa.

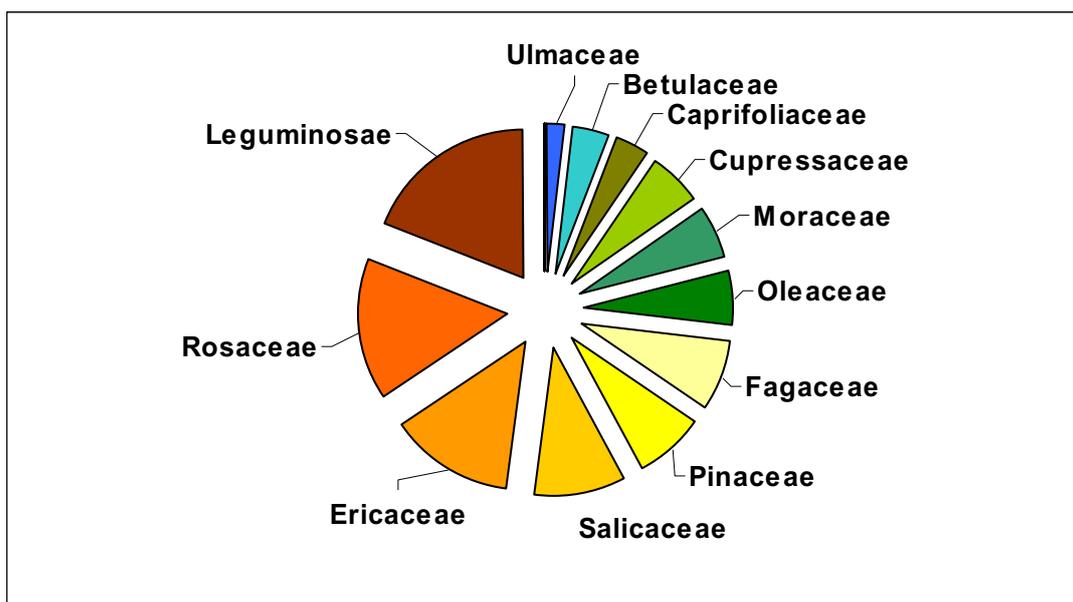


Figura 3 – Distribuição das espécies com interesse florestal considerando a família botânica.

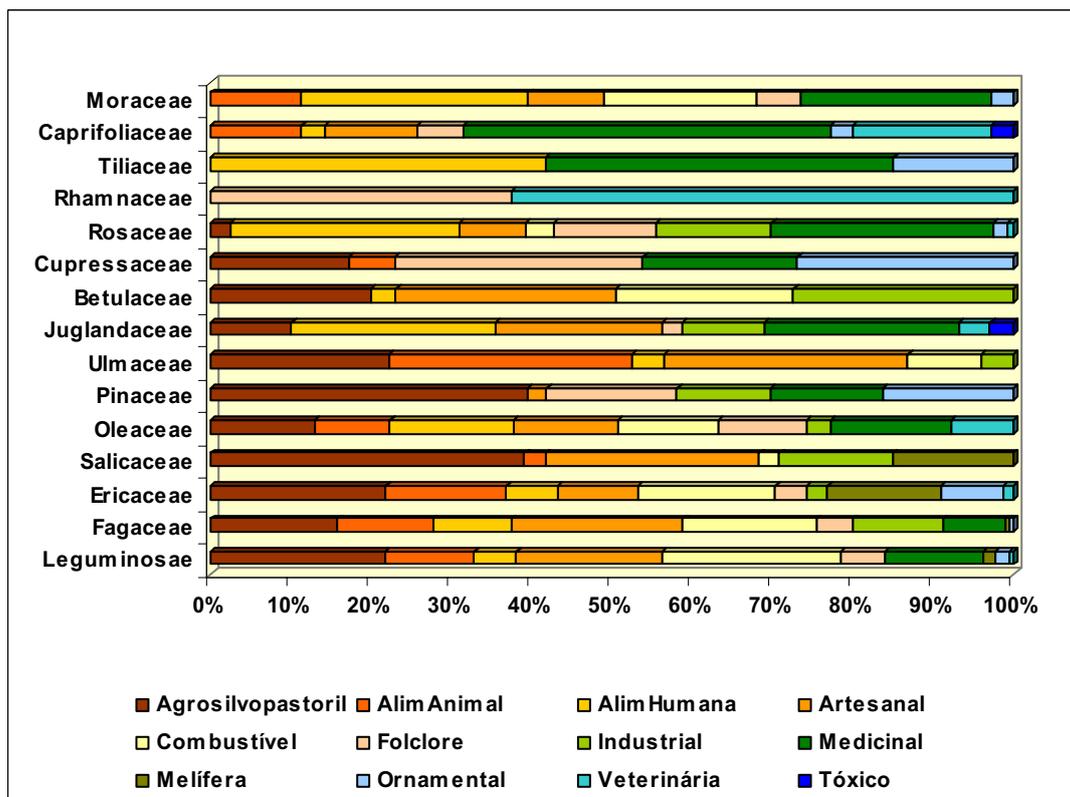


Figura 4 – Distribuição dos principais usos por família botânica, tendo em conta a frequência de citação de cada uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, C. F. G. (2001). *Flora e vegetação da Serra da Nogueira e do Parque Natural de Montesinho*. [Tese de doutoramento]. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa.
- ALEXIADES, M. N. (1996). Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In M. N. Alexiades (ed.), *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*: 53-94. New York: The New York Botanical Garden.
- BENNET, B. C. & PRANCE, G. T. (2000). Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. *Economic Botany* 54 (1): 90-102.
- BLANCO, E. (1996b). Ideas metodológicas relativas al trabajo de campo etnobotánico. *Monografías del Jardín Botánico de Córdoba*, Vol. 3: 89-91.
- BLANCO, E. & MORALES, R. (1994). Etnobotánica. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* 49 (2): 295-222.
- BONET, M. A., PARADA, M., SELGA, A. & VALLÈS, J. (1999). Studies on pharmaceutical ethnobotany in the regions of L' Alt Empordà and Les Guilleries (Catalonia, Iberian Peninsula). *Journal of Ethnopharmacology* 68: 154-168.
- CAMEJO-RODRIGUES, J. S., ASCENSÃO, L. BONET, M. À. & VALLÈS, J. (2003). An ethnobotanical study of medicinal and aromatic plants in the Natural Park of Serra de S. Mamede (Portugal). *Journal of Ethnopharmacology* 89: 199-209.
- CASTROVIEJO S. (coord.) (1986-2003). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.
- COOK, F. E. M. (1995). Economic Botany data collection standard. Prepared for the International Working Group on Taxonomic Databases for Plant Sciences (TDWG). London: Royal Botanic Gardens, Kew.
- FRANCO, J. A. (1971 - 1984). *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*, Volume I e II. Lisboa: Edição do Autor.
- FRANCO, J. A. & ROCHA AFONSO, M. L. (1994, 1998 e 2003). *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*, Volume III, fascículo I, II e III. Lisboa: Escolar Editora.
- JOHNS, T., KOKWARD, J. O. & KIMANANI, E. K. (1990). Herbal remedies of the Luo of Sykia Distric, Kenya. Establishing quantitative criteria for consensus. *Economic Botany* 44: 369-381.
- KAYS, S. J. & DIAS, J. C. D. (1996). *Cultivated vegetables of the world*. Athens: Exon Press.
- LÓPEZ GONZÁLEZ, Ginés A. (2001). *Los árboles y los arbustos de la Península Ibérica e Islas Baleares*. Tomos I y II. Madrid: Mundi-Prensa.
- MARTÍNEZ, M. J. L., GONZÁLEZ, M. R. T. & MOLERO, M. J. (1996). Ethnobotanical resources in the province of Almería, Spain: Campos de Nijar. *Economic Botany* 50: 40-56.
- PARDO DE SANTAYANA, M. (2003). *Las plantas en la cultura tradicional de la antigua Merindad de Campoo*. [Tesis doctoral]. Madrid: Facultad de Ciencias, Universidad Autónoma de Madrid.
- PORTÈRES, R. (1970). *Cours de ethno-botanique et ethno-zoologie (1969-1970). Volume I, Ethnobotanique générale*. Paris: Museum National d' Histoire Naturelle, Laboratoire de ethno-botanique et ethno-zoologie.
- SÁNCHEZ de Lorenzo Cáceres, J. M. (coord.) (2000-2003). *Flora ornamental Española*. Madrid: Mundi-Prensa.
- SCHULTES, R. E., & von REIS, S. (eds.) (1995). *Ethnobotany. Evolution of a Discipline*. London: Chapman & Hall.
- SVANBERG, I & TUNÓN, H (eds.) (2000). *Ecological Knowledge in the North. Studies in Ethnobiology*. Studia Ethnobiologica 9. Upsala: Swedish Biodiversity Center.
- TUXILL, John & NABHAN, Gary Paul (2001). *People, plants and protected areas. A guide to in situ management*. London: Earthscan Publications Ltd.
- WALTERS, S. M. et. al. (eds.) (1981-1997). *The European Garden Flora*. Volumes 1-5. Cambridge: Cambridge University Press.